

## 5.4. A reflexão sobre a vida pessoal

Algumas composições poéticas camonianas revelam um pendor autobiográfico, e nelas o poeta aparece, quase sempre, como vítima de um destino inexorável e injusto (o que se enquadra no cenário mais abrangente do desconcerto do mundo).

CRES-ICR © Ideias de Ler

*O terceiro aspeto do desconcerto do mundo é individual e subjetivo. Que é a fortuna, que é o caso, que é o tempo, que é a morte – a que o Poeta se vê sujeito? Porque é que o amor lhe dá esperanças que a fortuna nega? Porque lhe parece feliz o passado, em que não teve mais que “confianças”? Porque foi ele um juguete da fortuna?*

*[...] Mas, sendo assim, porque sonha ainda ser contente? A um mal sucede sempre outro mal pior. O contentamento é uma ilusão; esperá-lo é mais um desconcerto: [...] aquele que consiste no desajustamento entre as esperanças humanas na sua efetivação, ou, como hoje diríamos, na frustração pessoal.*

António José Saraiva, *Luís de Camões*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1959 (texto com supressões)

Este pendor pessoal que preside a praticamente todo o lirismo de Camões confere grande autenticidade às suas composições poéticas e revela, ao mesmo tempo, um ser profundamente marcado por uma série de vivências e experiências pessoais:

- amores;
- saudades;
- desenganos;
- frustrações;
- pessimismo existencial;
- revolta contra um destino adverso;
- desejo de fuga;
- ...

### “Erros meus, má fortuna, amor ardente”<sup>22</sup>

Este soneto é talvez um dos mais pessoais e sofridos de toda a lírica camoniana, uma vez que o sujeito poético culpa não só o mundo e os amores infelizes, mas também a sua própria conduta pelo percurso desencantado da sua vida. Atentemos:

- na identificação da atitude predominante do sujeito poético: o “eu” lírico faz um balanço da sua vida, a qual conclui ter sido dominada pelos seus erros, mas também pelo destino (“*fortuna*”) e pela paixão (“*amor ardente*”). Este balanço de vida é construído pela referência/enumeração dos fatores que dominaram a sua existência e pelo emprego de formas verbais no pretérito perfeito (“*conjuraram*”, “*sobejaram*”). O valor semântico destas formas verbais revela-nos um sujeito lírico amargurado e desesperado, mas também alguém que se sente vítima do

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 141.

destino e alvo de uma perseguição por parte da fatalidade e da vida. No entanto, o “eu” poético tenta analisar um pouco mais objetivamente o seu percurso existencial e culpa-se também a ele próprio daquilo por que passou, facto reforçado pelo emprego da 1.ª pessoa: “*Erros meus*”; “*Errei todo o discurso*”; “*dei causa*”; “*meu duro génio*”;

- na constatação de que as experiências passadas condicionam a atitude presente do poeta (2.ª quadra) – “*a não querer já nunca ser contente*”. De sublinhar o valor semântico do emprego da consecutiva (“*mas tenho tão presente [...] / que as magoadas iras me ensinaram / a não querer já nunca ser contente*”), que reforça a importância da vivência do passado como condicionante da atitude presente do “eu”;
- na referência à mudança da atitude do “eu” lírico observada nos dois últimos versos do soneto. Na verdade, a uma certa resignação, a uma certa atitude contemplativa que domina os doze primeiros versos do soneto, segue-se um sentimento de revolta e a expressão de um desejo de vingança, presente nos dois últimos versos, a que o emprego do conjuntivo, modo adequado à expressão de desejos (“*pudesse*”, “*fartasse*”), da interjeição (“*Oh!*”) e da exclamativa (“*que fartasse / este meu duro génio de vinganças!*”) conferem um tom determinado e mesmo violento.

A nível temático, os aspetos clássicos presentes no poema são:

- o desencanto e a desilusão;
- o papel do destino e da fortuna;
- a valorização da experiência de vida;
- o balanço de vida.

### “O dia em que eu nasci moura e pereça”<sup>23</sup>

Nesta composição camoniana perpassa um cenário apocalíptico, que o sujeito poético associa ao dia em que nasceu, porque esse dia “*deitou ao mundo a vida / mais desventurada que se viu!*”.

Analisemos a estrutura bipartida do soneto:

- a **primeira parte**, composta pelas duas quadras e pelo primeiro terceto, apresenta uma atmosfera de fim de mundo (“*cuidem que o mundo já se destruiu*”), de hecatombe global, conseguida da seguinte forma:

- “*eclipse nesse passo o Sol padeça*”;
- “*A luz lhe falte, o Sol se lhe escureça*”;
- “*mostre o mundo sinais de se acabar*”;
- “*naçam-lhe monstros, sangue chova o ar*”;
- “*a mãe ao próprio filho não conheça*”.

CRES-ICR © Ideias de Ler

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 143.